

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA		PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Anno.....	48000	Anno.....	8000
Semestre.....	28400	Trimestre.....	28000
Trimestre.....	18200	Mez (em Lisboa).....	700
Semestre.....	18200		

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: A NOVA MINISTRA DO BRAZIL (Cliché de Benoit) • Texto: QUEM É O REI DE PORTUGAL, 21 illustr. • O SR. MILLIES LACROIX EM LISBOA, 7 illustr. • A GYMNASTICA NA MARINHA DE GUERRA, 6 illustr. • AS FEIRAS, 10 illustr. • SPORT MARITIMO, 7 illustr. • O INCENDIO NO THEATRO S. JOÃO DO PORTO, 7 illustr. • COMO NÓS VENCEMOS NO CUAMATO, 23 illustr. • OS NOVOS MINISTROS DO BRAZIL EM LISBOA, 2 illustr. • FIGURAS E FACTOS, 19 illustr. • • • • •



QUEM É O REI DE PORTUGAL



D. Manuel, duque de Beja aos 8 mezes (CLICHÉ BOBONE)



D. Manuel, rei de Portugal (CLICHÉ BENOLIEL)



S. M. a Rainha D. Amélia com seu filho D. Manuel (1890) (CLICHÉ BOBONE)

A Illustração Portuguesa começa hoje a publicação de um estudo biographico sobre el-rei D. Manuel. E' a historia pura de uma infancia e de uma juventude o que empreendemos narrar. Diante d'essa mocidade immaculada e tão precocemente interrompida pelas responsabilidades da realza, a nossa tarefa singularmente se allivia do severo encargo de analysar actos de rei, reduzindo-se a pouco mais do que contar as acções de um adolescente. Surprehender uma vida na elaboração da juventude, quando o caracter se revela, affigura-se-nos não ser trabalho destituido de interesse, sobretudo ao tratar-se da infancia e da mocidade de um soberano. Chefe de uma monarchia que terá de ser accentuadamente democratica para corresponder ás necessidades do tempo e ás aspirações do paiz, e tão indispensavel que desde agora o povo conheça o seu rei como urgente que o rei

trave relações com o seu povo.

A CÔRTE DE BELEM D. CARLOS I REI DE PORTUGAL ASPECTO DA POLITICA PORTUGUEZA NO ADVENTO DO NOVO REINADO

Não decorrerá ainda a um mez sobre a morte de D. Luiz, que na cidadella de Cascaes, após uma longa e dolorosissima agonia, exhalára o ultimo suspiro ás 11 horas e 5 minutos da manhã de 19 de outubro de 1889. A côrte estava de luto pesado. Não tinham terminado as manifestações funebres de unanime pezar pelo fallecimento do monarcha liberal com que a Providencia, vinte e oito annos antes, substituirá tão inesperadamente no throno o grave e melancholico rei D. Pedro V. Ainda na vespera, na igreja de S. Luiz, rei de França, se haviam realisado as exequias solemnes mandadas celebrar

pelo representante da Republica Franceza e em que officiou monsenhor Tonti, então secretario da Nunciatura.

O novo reinado, a que presidia um principe no vigor da mocidade, encontrava o partido republicano organizado, com representantes na camara e no municipio de Lisboa, o paiz debatendo-se nos primeiros symptomas de uma crise economica, a questão ingleza avultando aceleradamente n'um dilemma inquietador. Na imprensa monarchica, findos os panegyricos, feria-se uma campanha contra o que os jornalistas chamavam a indisciplina da sociedade portugueza, fructo da tolerancia extrema de um reinado a que presidira a mais indolente bonhomia.

Nas *Novidades*, Emygdio Navarro, com essa eloquencia viril que era o seu segredo, aconselhava uma «politica de concentração de todos os partidos e de acalmação nas relações entre uns e outros», que facilitasse ao regimen os indispensaveis meios de resistencia e de defeza. Evocando a phrase de Armand Carrel: «une societé qui jouirait d'une paix perpetuelle tomberait bientôt en bourriture», o grande jornalista politico fazia-se o advogado de uma reacção, sem violencias provocadoras mas sem pusilanimidades degradantes. Malgrado o projecto de uma concentração partidaria, o ministerio recompozera-se. O sr. Augusto José da Cunha, lente da Escola Polytechnica, antigo professor do rei, substituirá na pasta da fazenda o sr. Barros Gomes, que intrinsecamente a geria, e o sr. Marino Franzini, major do corpo de estado-maior, occupará a di-



Quarto onde nasceu El-Rei D. Manuel no paço de Belem
(CLICHÉ DE BENOLIEL)



El-Rei D. Manuel ao collo de sua ama Maria dos Anjos (1890)
(CLICHÉ BOBONE)

recção dos negocios da guerra, abandonada pelo general José Joaquim de Castro, conservando respectivamente as pastas do reino, da justiça, dos estrangeiros, da marinha e das obras publicas os srs. José Luciano de Castro, Francisco Antonio da Veiga Beirão, Henrique de Barros Gomes, Frederico Ressano Garcia e Eduardo José Coelho.

Mas não só os negocios de Estado preocupavam o novo Rei. N'esta hora de apprehensões e de incertezas, D. Carlos esperava o nascimento de seu terceiro filho. A lembrança do mau successo de Villa Viçosa, onde, um anno antes, a rainha dera á luz, prematuramente, a infanta D. Maria Anna, baptisada pelo proprio medico chamado á pressa de Borba pelo sr. conde de Sabugosa para assistir á real parturiente, mantinha-o em sobresalto. A adiantada gravidez da soberana, que a impedira de assistir ás ceremonias do funeral, como já lhe impossibilitará a realisação do seu vehemente desejo, contrariado pelos medicos, de ir a Cascaes beijar a mão inerte do Rei seu sogro, começava creando no paço uma atmosphera de receio. Tinham circulado boatos dando a Rainha como perigosamente enferma.



O paço de Belem onde nasceu el-rei D. Manuel

Os jornaes, a fim de calar o agourento murmurio, tiveram de explicar que só o mau tempo obstava a que a senhora D. Amelia continuasse dando, em companhia da sua dama, o quotidiano passeio no amplo, airoso parque do palacio. O parto, comtudo, parecia protelar-se, e não faltava quem o attribuisse á profunda commoção que viera abalar, no momento mais delicado d'essa crise materna, a juvenil Rainha. Os dias decorriam tristes n'esse lindo paço de Belem, que vira as idyllicas alegrias do noivado e que o Rei convertera, pelas suas inclinações de arte, n'uma pequena academia palaciana, onde os condes de Sabugosa, de Ficalho e de S. Mamede e Bernardo Pindella, escriptores e poetas, sustentavam a tradição das bellas-lettas, e onde nasceu e se desenvolveu esse caracter de sybarita elegancia e de intellectual cultivo das sciencias e das artes que ficará sendo um dos aspectos historicos do reinado de D. Carlos I.

As preoccupações da realcaza, o luto recente e o estado melindroso da Rainha concorriam agora para modificar o tom de sociabilidade elegante e discreta que caracterisava a cõrte de Belem, imprimindo-lhe uma physionomia grave. O atelier de pintura estava abandonado. No historico picadeiro, que vira curvetejar os Marialvas de peruca empoada, casaca de velludo e cruz de Christo, emmudecera a risada matutina dos dignitarios e o tropear dos alters e dos cavallos inglezes. A magstosa varanda italiana com a sua

pastel com Casanova e para quem a politica, com as suas complicações tendenciosas, as suas luctas mesquinhas e os seus baixos egoismos, representava um dever penoso e amargo. A politica vinha usurpar á sua vida de rei os mais dilectos passatempos da sua



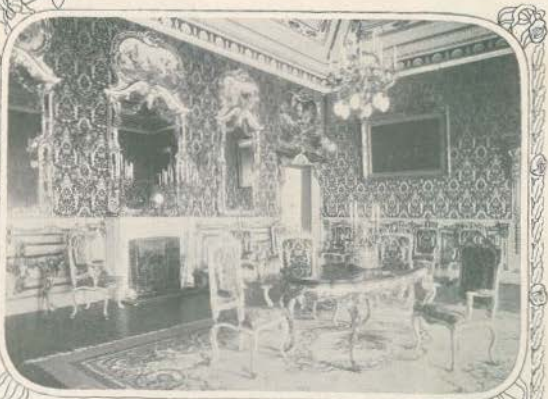
O berço d'El-rei D. Manuel
(CLICHÉ DE BENOLIEL)

recatada vida de familia e arrancal-o pela violencia a essa existencia serena e essencialmente aristocratica em que tanto se comprazia a sua sensibilidade esquiva. Eram os proprios politicos, ciosos da formula constitucional — o rei reina mas não governa — que reclamavam agora a sua intervenção directa nos negocios do Estado. Mal que se tinham calado as litanias das exequias e as vozes echoantes dos canhões salvando aos despojos mortaes do monarcha defunto, elle ouvia vozes sahi-



D. José III Cardeal Patriarcha,
que baptizou
el-rei D. Manuel
(CLICHÉ IRIDE—ROMA)

balaustrada de marmore e os seus azulejos representando os trabalhos de Hercules, na qual tantas vezes, em brandas tardes de primavera e de outomno, sob o grande toldo de linho, os principes *tenaient sa cour*, estava agora deserta. A presença frequente dos ministros e dos politicos na sala do Despacho viera por completo alterar os habitos familiares d'essa morada tranquilla de um Principe artista, affavel e lettrado, que jogava o bilhar com Oliveira Martins, discutia botanica com o conde de Ficalho e desenhava a



A sala de Recepção, no paço de Belem, onde se realisou o baptismo
d'el-rei D. Manuel
(CLICHÉ DE BENOLIEL)



das dos grandes partidos políticos attribuirem á tolerancia excessiva do Rei seu pae a anarchia do paiz. De um esquecido artigo do velho Sampaia da *Revolução* exhumara-se uma phrase: *Se alguém ainda n'este paiz tem força, esse é o rei.* E d'essa

Aquelles primeiros 26 dias de realza tinham bastado para fazer sentir ao bisneto de D. Pedro IV o peso de uma corôa constitucional. Ao seu orgulho pundonoroso e varonil, o imminente conflicto com a Inglaterra, que recebera como herança, avultava como uma nodosa que vinha deslustrar o seu reinado. Militar por educação e por indole, com o sangue batalhador e italiano do avô materno a temperar de nobres e temerarias energias a ancestralidade artistica do avô germanico, essa capitulação irremediavel perante a força inimizava-o, logo de entrada, com a politica e ia imprimir para sempre ao seu caracter esse scepticismo altivo que o seu povo nunca soube descobrir sob a sua nedida mascara risonha.

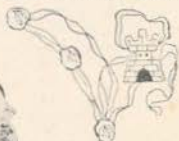
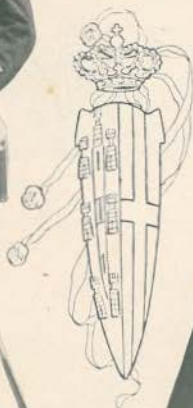
O NASCIMENTO DO INFANTE D. MANUEL. A PREDESTINAÇÃO DE UM NOME. O BAPTISADO

A noticia do incendio do Chiado, que consumira em chamma o antigo palacio



S. M. El-Rei D. Luiz,
avô paterno
de El-rei D. Manuel

phrase innocente logo se fizera um programma imprudente. D. Pedro V era-lhe apresentado, em substituição de D. Luiz, como o modelo salutar de um soberano. E assim se preparava, contra o voto e as aspirações do Rei, a corrente de opinião, que ia favorecer mais tarde a politica perigosa do engrandecimento do poder real: essa mesma que Passos Manuel, n'aquelle mesmo paço de Belem, interdissêra á juvenil e voluntariosa D. Maria II!



S. M. a Rainha D. Maria Pia,
avô e madrinha
de El-rei D. Manuel
(CLICHÉ'S BOBONE)

do marquez de Niza com os seus tectos de Pellegrini e as mobílias francezas do *Turf-Club*, chegára cedo ao Paço de Belem. Depois do jantar, na sala D. João V, onde as achas ardião na chaminé de marmore, El-Rei, com os condes de Sabugosa e S. Mamede, seu secretario, e os officiaes de serviço Fernando Eduardo de Serpa e Duval Telles, conversava sobre o grande sinistro, cujos detalhes mais impressionantes tinham sido prudentemente occultos á Rainha. A noite estava de chuva. Pelas janellas que deitam sobre a varanda de Hercules, dominante ao jardim traçado no estylo pretencioso de Le Nôtre, distinguia-se entre as sombras nocturnas a corrente turva do Tejo avançando para o mar com uma agitação tempestuosa. O vento sul fazia ramalhar os arvoredos do parque. A conversa esmorecia. El-Rei interrompera a sua partida de bilhar. Agora silencioso, passeava pela sala, que o grande e ornamental candieiro de ferro batido, com os seus dragões heraldicos, suavemente illuminava. A sr.^a condessa de Sabugosa viera annunciar que Sua Magestade a Rainha ia recolher aos seus aposentos. E El-Rei, apprehensivo e silencioso, persistia no seu lento passeio, entre as portas das salas de Recepção e do Despacho.

Seria n'aquella noite?

Havia um mez que tudo estava preparado, na previsão do nascimento. O medico de Borba, que assistira á Rainha em Villa Viçosa, fôra chamado para Belem, quando ainda os medicos da real camara se desvelavam em Cascaes, á cabeceira



S. A. a condessa de Paris, avó materna de El-rei D. Manuel

de D. Luiz. Era a esse quasi desconhecido facultativo do Alemtejo, o dr. José Mar-

cellino Pereira Ramos de Abreu, que a Rainha, supersticiosamente, confiára a assistencia da sua maternidade. A parteira, D. Alice Costa, estava egual-



S. A. o conde de Paris, avó materno e padrinho de El-rei D. Manuel

mente hospedada no palacio, e em sua casa aguardava a sadia mulher do povo, escolhida para dar o peito ao novo Principe. Como já acontecera com o primogenito, a tradição que mandava aleitar os principes de sangue a um seio nobre — tradição aliás já interrompida desde os meados do seculo XVIII — fôra practica e intelligentemente despesada. Incumbida da missão delicada de descobrir uma ama para o filho dos reis, D. Alice Costa, depois de varias tentativas mal succedidas, acabara por dirigir-se, muito simplesmente, ao porteiro da Misericordia. Era indispensavel que a futura ama tivesse, á falta de titulos nobiliarchicos, a saude, a mocidade, a belleza, a virtude e... a certidão de casamento. Maria dos Anjos, natural de S. João da Pesqueira, foi a escolhida para continuar a dynastia das amas reaes, fundada pela «illustrissima matrona» D. Ausenda, ama que fuit de rege dono Alfonso, e por D. Mayor, primeira mulher de D. Egas Moniz, que ambas tiveram a honra preclara de amamentar o rude e heroico fundador da monarchia nas recamaras do castello feudal de Guimarães. Para se prevenir contra qualquer eventualidade inesperada, D. Alice Costa tinha ainda de reserva uma segunda ama, em Caparica. O berço e o enxoval — um ninho de cambraia e uma nuvem de rendas — esperavam o tenro corpinho cõr de rosa d'aquelle que devia ser um dia, pelos secretos designios do destino, o Rei de Portugal. Tinham já sido redigidos, com a unica reserva de sexo, os telegrammas a expedir aos soberanos, chefes de Estado e principes parentes, com a participação do nascimento.

Mas a noite — mais uma noite — avançava, sem que nenhum symptoma annunciasse o desenlace proximo. El-Rei recolhera ao seu quarto. Só na sala das Bicas a guarda verme-

lha dos archeiros velava. Um grande silencio envolvia o palacio. Subitamente, ás 3 horas da manhã, uma campainha electrica retine. D. Alice Costa, que precipitadamente se levanta, desce aos aposentos da Rainha, que encontra já sentada, entrançando os cabellos. El-Rei é logo prevenido. Os dignitarios de serviço reuñem-se na sala D. João V. Todo o paço acorda. Ao silencio succede uma azafama, uma agitação e um borborinho alegres. Na propria casa da guarda, os soldados esperam ansiosos a noticia do nascimento. Accendem-se os lustres em todas as salas. A rainha D. Maria Pia é avisada pelo telephone de que o seu novo neto vae nascer. A toda a cõrte é communicada a noticia do estylo. El-Rei, que está na sala amarella, contigua ao quarto da Rainha, interroga a cada instante o dr. Ramos de Abreu, que sorri tranquillo, assegurando que o parto será rapido e feliz. Aquella festa da natividade de repente dissipava a tristeza lutuosa que invadira o paço nupcial, e a propria entrada solemne da Rainha viuva, com os seus funebres crepes, que da Ajuda accorria para assistir a sua nora e beijar o seu segundo neto, só vinha imprimir-lhe ternura e magestade. Pouco depois, o infante D. Alfonso chega tambem a Belem. Carruagens da casa real tinham já partido



O gabinete de toilette de S. M. a Rainha no paço de Belem.

para trazer os medicos D. Antonio de Lencastre e Oliveira Feijão—mais em obediencia á pragmatica do que na previsão de um incidente.

Finalmente, ás 6 horas menos 15 minutos da manhã, ainda com as estrellas no céu, S. M. a Rainha tinha o seu bom successo, dando á luz um infante, que D. Alice Costa, ajudada pela sr.^a condessa de Sabu-

gosa, enfaixava e vestia para o baptisado; e El-Rei, commovido, beijando a mão a sua augusta Mãe, que sorria por entre as lagrimas, participava-lhe que o infante recém-nascido se chamaria, como seu heroico bisavô o Rei *galantuomo* e unificador da Italia, Victor Manuel—nome que ella logo pediu se reduzisse a Manuel.

Por occasião do nascimento do principe real, já a Rainha exprimira o desejo de que se lhe dêsse esse nome venturoso. Formaram-se então dois partidos no paço e na familia. Um queria que o principe se chamasse Luiz, como seu avô paterno D. Luiz I, como seu avô materno o conde de Paris, como seu terceiro avô o rei Luiz Philippe. O outro, a que presidia a rainha D. Maria Pia, propunha para o recém-nascido o nome de Manuel. Fôra uma princeza da casa de Portugal, D. Beatriz, filha d'el-rei D. Manuel, que levára este nome á casa de Saboya. O celebre duque Manuel Felisberto, o bravo general de Carlos V, vencedor do condestavel de Montmorency e restaurador da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, conhecido na historia italiana pelo *Testa de Ferro*,—era filho da princeza de Portugal D. Beatriz, a linda *Menina e Moça* de



D. Alice Costa, a parteira que assistiu a S. M. a Rainha



S. M. El-Rei D. Carlos e
S. M. a Rainha D. Ame-
lia em 1889
(CLICHÉ BOBONE)

Bernardim (?). Ser-lhe-hia, pois, lisongeiro, que uma princeza da casa de Saboya, em retribuição d'essa divida gloriosa, trouxesse de novo á dynastia portugueza o nome felicissimo de Manuel. E já quando triumphára o partido adverso, a real avó, resignada mas pezarosa, dizia ter sempre sonhado vêr no throno de Portugal um neto seu, reinando com o nome de D. Manuel II...

Quem teria n'essa hora adivinhado que o destino ia tornar prophetic o seu sonho e que ella vinha de impôr o nome, como madrinha, ao successor da corôa!

Por todo o paço, agora—eram 7 horas da manhã e começava clareando o céu para o oriente, n'um tardio amanhecer de inverno,—ia um borborinho festivo, que singularmente contrastava com o luto da côrte. As grandes salas do palacio, onde as luzes roseas da aurora se misturavam ás luzes tre-

(1) Julio Dantas — *Illustração Portugueza*, pag. 108 do 1.º v. da II serie, no artigo *Da Herçã á Regencia*.

mulas dos lustres, afluíam os ministros, os conselheiros de Estado, os officiaes-môres e as casas civil e militar d'El-Rei. Estavam já no paço as sr.ª duqueza de Palmella, camareira-mór da Rainha, a marqueza do Funchal, camareira-mór da Rainha D. Maria Pia, a condessa de Seisal, D. Josepha de Vasconcellos e Sousa—hoje condessa de Figueiró—a viscondessa de Asseca, a condessa de S. Miguel, a condessa das Alcaçovas, a marqueza da Foz e D. Eugénia Telles da Gama—todas de negro, como uma assembleia grave de viúvas. Na pequena capella interior, que communica com a sala D. João V, tudo se preparava para a cerimonia intima do primeiro baptisado: a *agua de socorro*. No quarto da real parturiente ia uma azafama alegre, a que presidia D. Alice Costa, com o seu avental branco sobre o vestido preto, auxiliada pela creada luxembur-



D. Manuel, Duque de Beja, 1891
(CLICHÉ BOBONE)

gueza Catherine Ijel. A Rainha sorria, muito pallida, para o pequenino Infante, que vagia. As mãos expeditas da parteira acabavam de vestir aquelle objecto melindroso, destinado a ser um dia, pelas concessões impetuosas de uma tragedia, o chefe da nação. De joelhos no tapete, as creadas beijavam as mãosinhas minúsculas, que emergiam das rendas como botões de rosa. Envolta nas suas escumilhas, como uma figura dramática de Vellasquez, a avó recebeu finalmente das mãos da sr.^a condessa de Sabugosa o pequenino neto.

Então, do leito, uma voz suave e debil, uma voz maternal, pediu:

— *Laissez-moi l'embrasser!*

E a avó chegou o Infante recém-nascido aos labios pallidos da Rainha, que sorria, orgulhosa e feliz, para o seu fructo, comessa universal alegria

taça de ouro, incrustada de pedras brigantinas com os perfis cesareos de D. João V e D. José I. A seguir, o frade patriarcha ministrou o sacramento como capellão da casa real. No Tejo estrondeava a artilharia. Os fumos das salvas misturavam-se ás brumas da manhã. Os creados abriram os dois batentes da porta ladeada de archeiros, que communicava com as salas, e a côrte desfilou ante o pequenino infante D. Manuel de Bragança, duque de Beja como o seu homonymo glorioso, que a nobre filha do unificador da Italia, envolta nos seus crepes de viuva, erguia nos braços como um presente de Deus.

Ao outro dia, um sabbado, no templo de S. Domingos, celebrava-se o *Te-Deum* em acção de graças pelo feliz successo da Rainha, e só a 18 de dezembro, na mesma sala Amarella, com todos os rigores da pragmatica, na presença do ministerio e da côrte, e com a as-



materna com que Deus, piedosamente, remunera as dôres de todas as mães, as mais poderosas como as mais humildes.

Já chegára ao palacio o cardeal patriarcha, D. José III, para proceder ao baptismo. Na sala Amarella, El-Rei, o infante D. Afonso, que servia de padrinho com procuração do conde de Paris, e o principe D. Luiz Philippe, então com dois annos e meio, aguardavam que o conselheiro Antonio Maria de Amorim lavrasse o registo official do nascimento. A agua lustral foi trazida na tradicional



D. Manuel Duque de Beja,
aos 3 annos
(CLICHÉS CAMACHO)

sistencia do conde de Paris, neto de Luiz Philippe, e do imperador do Brazil, filho de D. Pedro IV, o louro Infante, levado á pia baptismal pelo conde de Sabugosa, revestido da opa de brocado branco franjada de prata, entrava solemnemente nos livros de linhagem e no almanach de Gotha com o extenso, pomposo nome de D. Manuel Maria Philippe Carlos Amelia Luiz Miguel Raphael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco d' Assis Eugenio de Bragança...

C. MALHEIRO DIAS.
(Continua)

O SR. MILLIÉS-LAGROIX EM LISBOA



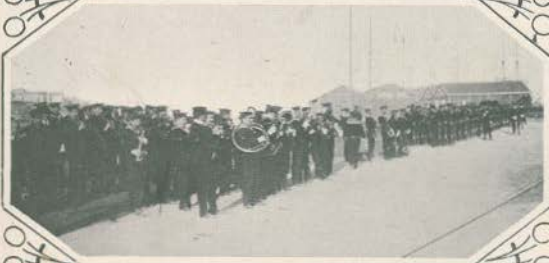
No jardim da legação de França:
depois do almoço em honra do sr.
Milliès Lacroix



Esteve ha dias de passagem em Lisboa, onde veiu embarcar para uma viagem de estudo ás possessões francezas da Africa Occidental, o sr. Milliès Lacroix, o actual ministro das colonias de França.

O distincto estadista partiu effectivamente da nossa capital, a bordo do *Amazone*, para Dakar, d'onde seguiu depois para os estabelecimentos francezes do Senegal, nossos vizinhos na Guiné. Em uma entrevista publicada no *Seculo* o sr. Milliès Lacroix expoz nos seguintes termos o programma politico e economico da sua excursão:

«O fim principal e unico d'esta viagem é verificar toda a obra colossal emprehendida, ha annos, n'aquellas regiões pelo Estado e por empresas particulares e estudar de *visu* melhoramentos importantes, que estão a realisar-se nas colonias que tenciono visitar. Refiro-me especialmente a traçados gigantescos de caminhos de ferro, cuja importancia o futuro demonstrará. Chegado a Dakar, tomarei o caminho de ferro para S. Luiz e d'ahi seguirei para Thiers para assis-



Na legação de França: o sr. Milliès Lacroix acompanhado do ministro de França, sr. Taillandier, ao entrar no automovel do sr. ministro dos estrangeiros.—A guarda de honra de marinha ao sr. Milliès Lacroix no caes d'Alcantara

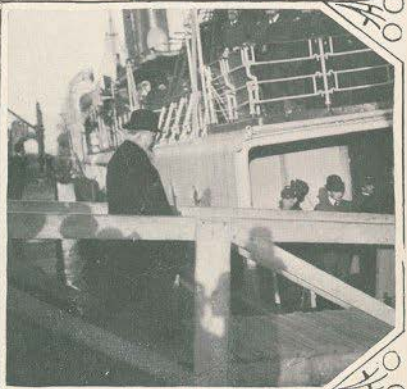
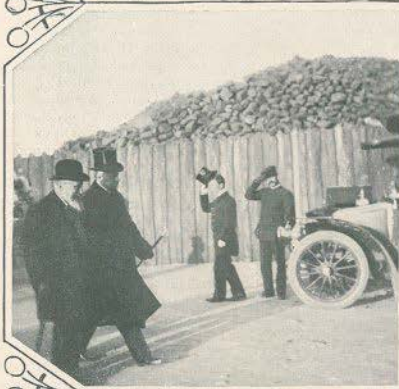
tir á inauguração d'um troço de linha, que se dirige a Kaes. Voltarei novamente a Dakar d'onde embarcarei para o grande Bassam, visitando depois o Dahomey e d'ali a Guiné, onde darei por finda a minha jornada de estudo.»

A moderna administração colonial entra, assim, definitivamente em um caminho pratico, que não pode deixar de redundar em proveito immediato dos paizes que exploram colonias. O conhecimento directo d'esses territorios, o estudo *in anima vili* da sua organização politica e social e das suas necessidades, não podem deixar de constituir uma base solida para o seu apro-



veitamento pela metropole e desenvolvimento proprio.

A recente viagem do sr. Milliès Lacroix, que não é aliás a primeira do genero realisada pelos ministros das colonias de França, e que de ha muito tem precedentes nos gabinetes inglezes, representa, pois, um exemplo bastante digno de ser registado e seguido entre nós. Apesar de tudo quanto se diz habitualmente, podemos ainda ser considerados como bom modelo de povos colonisadores. Nada temos a perder se nos tornarmos modelares tambem na nossa administração colonial.



O sr. Milliès Lacroix, cumprimentando o sr. tenente Santos, commandante da força de marinha que prestou a guarda de honra—O sr. Milliès Lacroix acompanhado dos srs. Jorge O'Neill e Strauss no caes de Alcantara para embarcar no paquete das Messageries —O sr. Milliès Lacroix acompanhado pelo sr. conselheiro Wenceslau de Lima —O sr. Milliès Lacroix embarcando no Amazone no entreposto de Alcantara (CLICHÉS DE BENOLIEL)

A GYMNASTICA NA MARINHA DE GUERRA



O sr. almirante Castilho entrando no quartel.
Exercício de gymnastica sueca na parada do quartel de marinheiros, dirigido pelo instrutor sr. tenente Joaquim Costa.
O sr. ministro da marinha e officiaes assistindo aos exercicios.
Marcha de recrutas.
O sr. ministro da marinha visitando o quartel.
(CLICHÉS DE BRNOLIEL).

AS FEIRAS



GENESE DAS FEIRAS ♣ A EGREJA E A MERCANCIA ♣ LIBERTINAGENS ♣ A FEIRA ANTIGA ♣ A LADRA EM BOLANDAS ♣ ASPECTO GERAL ♣ A FEIRA DE HOJE ♣ ALCANTARA ♣ DO CEBO AO ARCO VOLTAICO ♣ CELEBRIDADES DE FEIRA

A' sombra dos templos, na Edade-média, levantava o negocio os seus arraiaes. A folhinha annunciava a *feria* ou dia festivo, e os mesteiros acudiam, vendendo a fazenda por entre duas avemarias, rufando cá fóra o pandeiro aos ursoz sabios, enquanto lá dentro as campainhas tangiam a santos.

Uma lasca do santo lenho chamada mais concorrencia que todos os reclamos juntos de mil emprezas de cavallinhos. Em Paris, os restos exhumados de Santo Ovidio originaram a grande feira do Templo.

Christo deitára fóra o azorrague e de braços abertos recebia os vendilhões; a Arca da Alliança abria-se aos dobrões de Mercurio.

N'uma tela de Brenghel, o velho, Christo atravessa, de cruz ás costas, um mar de gente camponia, surpreendida nos rictos de quem regateia, masca, interrompe os paganismos da folia.

Nas pinturas flamengas d'este genero, a nota mystica chega a tornar-se uma obsessão.

No norte do paiz é bem notorio ainda este braço dado da mercancia e da religião. Vendem-se os novilhos, arceia-se a jumenta e paga-se a assistencia clinica do santo que debellou nas maleitas da morgada.

E na volta, enquanto o harmonium se desentranha sob o despique das cantigas, os sapatos novos á dependura, abana que abana do varapau de faia, as lithographias do santo pompeiam ufanamente no chapéu desabado, como pennachos brancos, triumphaes.

Lá fóra, as feiras eram exploradas pelas ordens religiosas, aqui pelos reis.

O belfurinheiro que pousava no campo da feira e o que não pousava pagavam as mesmas alcavalas. O alvazil era o guarda fiscal da epoca.

A feira affirmou-se logo como um desaguadouro de miserias e libertinagens. O vicio de espadim e peitilho de velludo acotovelava se ali com a barganteria sem eira nem beira.



Pim-Pam-Pim

—O poeta popular Luiz d'Araujo na feira da Ladra



O conde de Auvergne e o duque de Nemours treinavam o pulso de espadachins com os rufiões da feira de S. Germano, e Luiz XI, de carrejão, frequentava as baiucas de má nota. E, quando manhã fóra a sineta do cabo das halles espargia sobre as tendas amodornadas o appello argentino, os esturdios de punho de renda e calção de seda, o carrejão tresnoitado, o publico todo, largavam os copos e as amantes da noite e iam ajoelhar á missa da parochial.

O negocio deixou de se fazer com missal á vista, creando um computo para os seus *rendez-vous*.

A primeira feira lisboeta de que ha memoria era ao pé da Alcaçova, chamada da *lada* por ser á beira mar. Esta feira veiu ao mundo sob o ruim sestro do inquilino mal endinheirado. Do terreiro elegante, a fidalguia impontou-a para o Rocio; do Rocio, os autos de fé mandaram-na para a Alegria, mas os quirites do Passeio protestaram e passou-se para o Campo de Sant'Anna; os toureiros deram por paus e pedras e lá foi dar com os tarecos em Santa Clara, a po-

bre feira da Ladra, a quem melhor assentava a antonymia.

Para o commercio chegou a era do balcão e a feira ficou reduzida a um bricabraque. Houve uma epoca em que Lisboa teve a febre de alijar todos os trastes velhos; o adelo, como um castor paciente, colligia, arrecadava, edificava maravilhas, para depois, n'um portuguezissimo encolher de hombros, se abrir por dois patacos ás razias dos antiquarios.

Aquelle data a feira era o museu artistico, historico, archeologico.

O saio gibbeu acamaradeava ali com gibões de viso-reis, durindanas de rajás com espetos de cozinha, quadros de Josepha d'Obidos com folhas soltas do

Mercurio Portuguez.

O progresso fossilizou o ferro-velho; a Ladra com as suas rumas de cabeças de prégio, botas cambadas, expellidas do necroterio, alfarrabios só utilisaveis apòs o exorcismo do autoclave, ha muito que espera o *requiem* anniquilador da hygiene publica.

A feira exclusivamente mercantil nas grandes cidades morreu; a feira foliona ficou ainda agarrada á sobrepeliz das solemnidades, por vezo, que não por devoção.

Tanto que as *marionettes* de Brioché arremedavam: os senhores abbades, e nas barracas de pimpam-pum, introduziam-se, para alvo das pelias, tonsurados e irmãs.

Já então a feira era um ghetto infernal capaz de acordar os tympanos d'um surdo. Em descantes de maiatas, as chulas desferiam-se rispadas d'aquelles Stradivarius sem cordas, como dizia um poeta coevo:

Já se tange n'esta feira
(Coisa que mais desanima)
Muita guitarra sem prima
E nenhuma com terceira,

em que incubavam as cavatinas dos *music-halles*, saindo-nos a



Na feira da Ladra
— Feira de Alvoito ou feira dos Santos



Ferros velhos

cada canto como berreiros do dia de juízo.

O Roberto e a Henriqueta eram os reis da pantomima e o herbanario e o dentista, um com a caixa verde daservas milagreas, outro com tiracollos de dentes, com engastes roxos de gengiva, passavam pimpantes, seguidos do rapazio boquiaberto, como os almirantes das naus allemãs.

As tragicas hespanholas passavam todo o santo dia a tamborilar o rufo, e á noite, a pataco por cabeça, representavam a Brites Papagaio e o Auto dos Tres Reis Magos em que faziam as vezes dos camellos os melhores latagões do quartel de alabardeiros. O alferes-mór lá sabia!

Embarraquetas de lona mostravam-se prodigios, mulheres com barba de cabra, ventriquoos, hercules, giboiões molangeiras que se enroscavam ao tronco dos pelotiqueiros, entre t'arrenegos sacudidos das raparigas.

Lá estava a velha bruxa, de todas as epocas e climas, cabellos estrigas de linho, as mandibulas duas matracas soturnas:

Eu vendo perfumaduras
Que pondo-as no embigo
Se salvam as criaturas
A's vezes vendo virotes
Que trago de Andaluza
Naipes com que os sacerdotes
Arrenquem cada dia
E joguem té os pelotes
E se huma doce freira
Vem á feira
Por comprar um inguento
Com que võe do convento
Senhor por mais que queira
L'heide dar aviamento!

A feira d'outros tempos arru-mava-se para ali á tóa n'uma Babel de tabernaculos, n'uma atmosfera indigestionada de petiscos baratos.

As Lolas surgiam a batel o can-can com um borzeguim n'um pé e uma alpercata n'outro. Os luctadores apresentavam-se de ca-

misola catinguenta, enfiados nos calções das companheiras.

O empezario das ratas sabias ostentava uma barretina de cavallaria sobre uma rabona de meirinho e o homem das vistas, em voz clangorosa, localisava sobre os prodigios de Pekim as costumeiras de Paio Pires.

A feira antiga—um trecho de Offenbach garganteado em mil tons, n'uma ensenação de andrajos e realismos crús.

A feira de hoje largou o escapulario de beata e com *maillo* lantejoulante e chapins lustrados apparece a bater a folia.

Lavou-se da immundicie secular, conservando não obstante a sua poesia ingenua:

Alto! frente!
Cá está p'ra gente
O Nicolau
Que só fia
O' outro dia!

não tem graça?

Silhuetas aristocraticas deslizam n'uma alacridade de estroinice, mas aquella Ravachol com focinho de Fô e estentor de tribuno, aquelle Ravachol que chama á arte coisas que se comem, do seu varandim de ripas tem sobre ellas o poder de Orpheu.

E quando lá dentro se vê d'arte apenas umas tibias escanifradas e umas gargantas saburrientas, a admiração d'aquellas cabecinhas võe toda para o grande, o inevitavel Ravachol, que arranca tostões sem dôr e prega piraças que é mesmo da gente estourar com riso.

Os peccados mortaes? Quem não



Na feira do Senhor da Serra, em Bellas,



quer regar os peccados mortaes a tiros de Flaubert e ainda mais sendo a carregar a carabina aquelle pedaço de mulher?

E o lisboeta, que de peccados capitães só conhece a Preguiça, fuzila a Soberba e fuzila a Avareza, mas ná... não sabe atirar e retira para o Majstrick.

Ali tem aldemenos o remanso d'uma poltrona e uma inundação de luz electrica para desfilir o olhar namoradeiro, fazendo-lhe alvinitir o collarinho glorioso e desvendando-lhe as plasticas postiecas e as plasticas authenticas das coristas.

Tanto prazer cança-o... ah!... mas sempre se vae pelo Madrid. Já agora...

No palco estufiam as *mananas* e a servilheta n'um sorriso viscoso indaga:

— Agua de castanhas! — responde o alfacinha com o descoco de Diogenes

quando arremessou ao «animal implume» um frangão depennado.

E gargareja, commenta, revive nas dançarinas noites de *trottoir*, senta a rapariga nos joelhos e larga com um ajuste lugubre uma gorgeta vil.

As custeiciritas passam modestas nas mantilhas pretas; o Pathé salta-lhes á frente como uma tentação antonina:

— Os amorés d'um toureiro! E' entrar! é entrar! E' só meio tostão!

— Será bonito? — perguntam e respondem os olhos das pequenas.

— Olhem lá, vocês querem ir? — diz o Alfredo! — A agulha pica tanto! — Pago eu.



Que diabo! um dia não são días!!

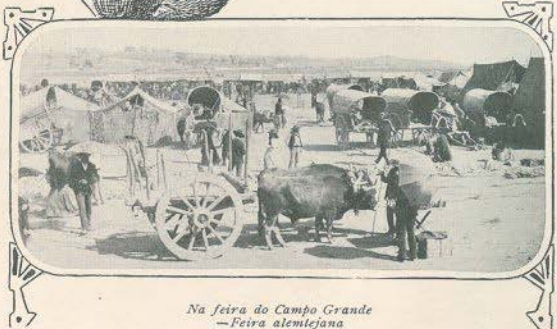
E lá vão os sorrisos alados poisar na *moña* do toureiro, deslumbraados já do Alfredo...

Farturas!... uma tela endiabrada de Teniers, mecanicos e baixistas, secias e matronas, alagando de alegrias espumejantes e rictos bachicos, um sobreco de lona.

Rataplam... rataplam... plam-plam, e os ginetes de pau abalam, n'uma carga encarniçada de gaiatos, Joannas d'Arcs pequeninas, bebés agarrados ás cernelhas como ao pescoço dos avósinhos. Rataplam... plam e o carosel gira, gira sempre, atropellando a cadencia barbara da gaita de folles.

Rouxinol do bico preto
Deixa a baga ao loureiro,

birbanteia um marujo, n'uma malta inco-



Na feira do Campo Grande
— Feira alemijana

lor, migando nos beiços um charutilho reles.

Os bazares avistam-no, jogam-lhe os seus pregões:

— Quem compra a lebre? Só falta a lebre! Um vintem. Olha o Machaquito sem tourear! Quem quer o Machaquito?

O marujo atravessa incolme a metralha dos pregões, mas lá está pela frente o *garçon*, da barraca dos Comes e Bebés, coifado à turca, o grande avental semeado das alegrias do vinho:

— Traldiqueiras! E! que são tão boas!?

O marinheiro nem parla—vae rezar padrenhosos de gergelim ao S. Baccho do Sanguinhal.

.....
As sete collinas dormem a somno solto, emquanto lá em baixo, na cacimba marítima, a pagina de miseria cascalha, ruge sempre, como um murmuroso regato de magoas escarnecidas.

AQUILINO RIBEIRO.

Nota da redacção

E' provavel que o nome do signatario do artigo precedente desperte uma legitima curiosidade no espirito dos leitores da *Illustração Portuguesa*. Deve naturalmente occorrer-lhes á lembrança ter esse nome andado envolvido, e por uma maneira de bastante destaque, nos acontecimentos revolucionarios que tão profundamente convulsionaram a vida da capital durante os ultimos mezes.

Efectivamente o sr. Aquilino Ribeiro foi uma das pessoas suspeitas e detidas por occasião da explosão de 17 de novembro do anno passado, cuja principal victima, o medico Gonçalves Lopes,



os leitores se recordarão tambem, certamente, de vêr nas nossas paginas, estendido no seu leito de exposição da Morgue; e foi elle o preso que fugiu da esquadra policial do Caminho Novo, onde fôra conservado por bastante tempo, com uma das mãos, diz-se, dilacerada, em consequencia do triste episodio da rua do Carrão. Recentemente o sr. Aquilino Ribeiro, refugiado desde a sua fuga mysteriosa em qualquer parte desconhecida, foi pronunciado pelo tribunal.

Vamos, pois, a explicar a origem do artigo do sr. Aquilino Ribeiro, que hoje insetimos.

Alguns dias depois dos tumultos de 18 de junho do anno passado, occorridos no Rocio por occasião do regresso do dictador João Franco da sua imprudente e provocante viagem ao Porto, quer dizer talvez por meados de julho, entrou aqui na nossa redacção um estudante de physionomia intelligente e olhar vivo e energico, palavra e gestos impulsivos, — uma grande exuberancia de vida e precocidade de talento, manifestando-se espontaneamente, sem disciplina nem reflexão, — para nos propôr a publicação exactamente d'esse artigo descoordenado de certo, mas animado, sobre as feiras, que hoje inserimos. Não o tornámos a vêr, e o artigo, cuja publicação fôra a principio demorada pela necessidade de preparar a respectiva illustração, teve de sê-lo, depois, naturalmente, pelas circumstancias excepcionaes em que o seu auctor se achou collocado. Hoje crêmos não haver já motivo que nos impeça fazel-a.

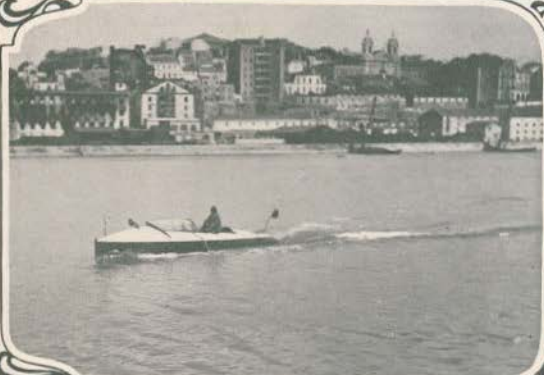
Aqui está a historia simples da collaboração do sr. Aquilino Ribeiro na *Illustração Portuguesa*.



Um aspecto da feira da Ladra
— Uma romaria nos arredores de Lisboa



SPORT MARITIMO



O sr. Carlos Bleck — A experiencia da «Invicta» em Lisboa: varias evoluções.

(CLICHÉS DE BENOLIEL).

A «Invicta», o canot-automobile, recentemente adquirido pelo sr. Carlos Bleck e cuja experiencia em Lisboa as nossas photographias reproduzem, é a antiga *La Rapière II*, lançada ao mar em março de 1906 e campeão da série internacional de 8 metros em 1906 e 1907, que foi construida nos estaleiros parisienses de Tellier fils & Gerard, segundo o desenho do architecto naval Alphonse Tellier, que tambem a conduziu em todas as suas corridas. Foi-lhe montado agora, ao vir para Lisboa, por indicações da Sociedade Portuguesa de Automoveis, um novo motor Brazier de 66 cavallos, com 4 cylindros, typo Gordon Bennett.

O INCENDIO NO THEATRO S. JOÃO DO PORTO

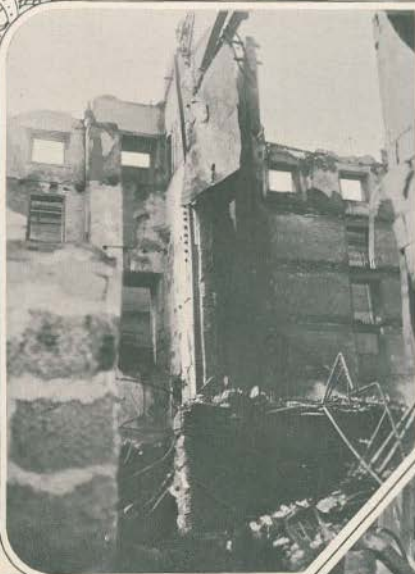


Um incendio, que se manifestou com desusada violencia na noite de 11 do corrente, reduziu completamente, em poucas horas, a um montão de cinzas o antigo theatro de S. João do Porto.

O theatro lyrico portuense fôra construido segundo o plano do architecto italiano Vicenzo Manzoneschi e inaugurára-se a 13 de maio de 1798.

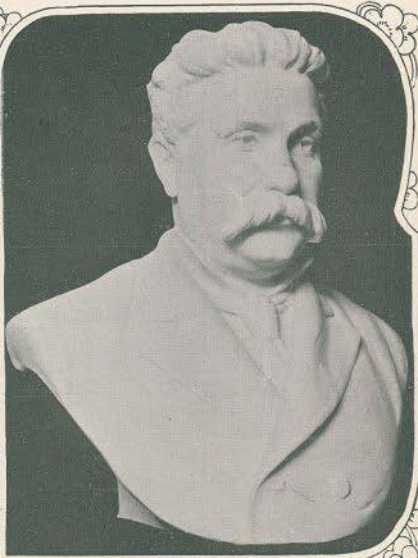
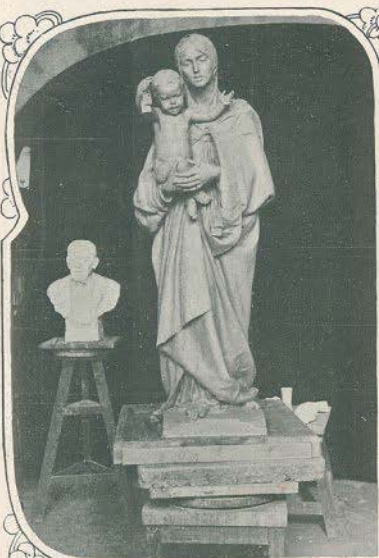


O rescaldo dentro do edificio — Atacando o incendio — Um dos lados do theatro mostrando a escada de ferro exterior

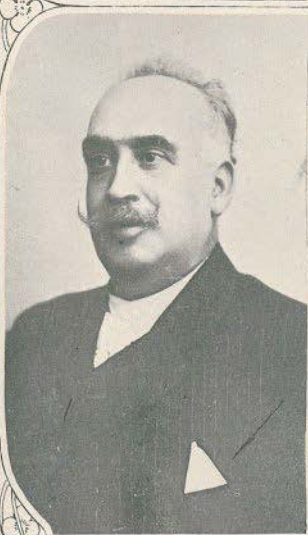
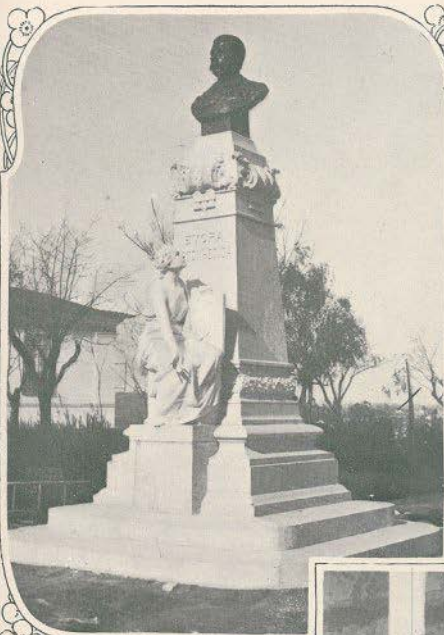


O empresário sr. Luis F
 ria Guimarães, pro-
 curando papéis na se-
 cretaria (um dos pou-
 cos móveis salvos). A
 seu lado, encostado á
 mesma secretaria, vê-
 se o inspector das com-
 panhias de seguros sr.
 Monteiro Guimarães.
 — Resto do pauco de fer-
 ro que separava o
 presébio da sala—O
 rescaldo—O escombros

FIGURAS E FACTOS



*A estatua de Nossa Senhora do Carmo, de Costa Motta, sobrinho, destinada ao templo
monumento da Immaculada—Busto do sr. José Antonio de Almeida,
por Costa Motta—Projecto de Teixeira Lopes para o mausoleu dos actores dramaticos*



O monumento ao dr. Barahona, em Évora, de Simões d'Almeida, sobrinho
 - A menina Maria da Gloria da Cunha Vieira, com o costume de camponesa da Areosa, que lhe valeu o primeiro premio no concurso carnavalesco realizado este anno pelo jornal La Prensa, de Buenos Ayres—O illustre poeta Gomes Leal, auctor do «Anti-Christo»
 A equipe portugueza que foi disputar a Taça de Madrid: Da esquerda para a direita: Carlos Gonçalves (prof.), Fernando Corrêa (amador), dr. Antonio Osorio (amador), tenente Alvaro Pereira (prof.)



CASA Pia de Evora: Os lazarus
 — CASA Pia de Evora: Grupo das educandas
 — O novo bispo do Algarve: O cortejo da sua entrada na S^t Cathedral!
 (CLICHÉ DO SR. A. E. DE NOURA VEIGA)



COMO NÓS VENDEMOS NO CUAMATO

(Continuado
do n.º 113)

XI

Comunica-se com os outros postos

N'essa mesma tarde de 24 de setembro, as forças que escoltavam o comboio passaram a Inhóca e ahí encontraram indeléveis vestígios que recordavam a famosa carga do dia 21. A sepultura do alferes Augusto Maria estava revolvida, parecendo que, ou homens, ou feras, tinham escarvado a terra procurando desenterrar o corpo do desditoso official.

Mais adiante encontraram ainda rastos de gado, que caminhára para o rio. Dizia-se que os Cuamatos tinham posto os seus bois em lugar seguro, e a direcção do rasto indicava que era talvez nas terras do Humbe que o tinham guardado.

A escolta do com-



Embala do Cuamato Grande:
Assignatura do auto da proclamação
do sóba—Porta do compartimento
das mulheres

boio dormiu no Damedquéro, chegando ao Cunéne no dia seguinte ás 2 horas da tarde.

Ahí se demoraram quatro dias carregando os carros, em numero de 87, partindo de novo a 29 de madrugada.

Chegaram, como dissemos, no dia 1.º á Embala, onde foram recebidos com grande entusiasmo.

Os carros formaram em *laager* junto da face N do bivaque, recolhendo as unidades ás suas primitivas posições.

Dois dias depois, dava-se um facto sensacional. Foi a chegada de um grande numero d'auxiliares trazendo á frente o jornalista Labreiro, um sympathico rapaz, que voluntariamente acompanhára a columna e que, tendo ido ao forte Roçadas com o ultimo comboio, ficára doente no Aucongo. Tinham-se n'este ultimo posto apresentado uns trezentos pretos do



Nalôque: Construção do forte Eduardo Marques

Humbe, que se offereciam para irem servir como auxiliares; mas declaravam que não iriam reunir-se ás tropas a não ser que um branco os acompanhasse, pois que, não tendo distinctivo algum, tinham medo de ser recebidos a tiro.

Foi então que o Laboreiro, achando-se um pouco melhor, se offereceu para os acompanhar, apparecendo effectivamente na Embala á frente dos negros, sendo muito felicitado por este acto de valentia.

Uma manhã que o 2.º esquadrão sahira para uma das habituaes razzias, vieram uns auxiliares dizer que essa unidade se encontrára com o gentio, que affirmavam estar em grande numero concentrado n'uma matta, para o lado de SE. Asseveravam que se travára rijo combate e que era o proprio sôba quem commandava aquella horda de negros.

O nosso commandante mandou logo sahir uma pequena columna, sob o commando do 1.º tenente Victor de Sepulveda e composta pela companhia de marinha e 1.ª europea, com grande numero de auxiliares a cavallo e a pé. Avancámos na direcção indicada, marchando durante uma hora e fazendo toques repetidos para vêr se encontravamos os dragões.

Depois, como a matta indicada ainda estivesse a uma grande distancia, fizemos alto, indo um official com auxiliares procurar a cavallaria. Esta, porém, tinha dado uma grande volta e não vimos senão os vestigios da sua passagem denunciada pelas libatas em chammas e pelo rasto dos cavallos.

Voltando ao pé da pequena força foi resolvido regressar ao acampamento, onde já estava o esquadrão, quando chegámos, averiguando-se então que effectivamente tinham avistado negros, mas que era

falso ter-se travado lucta.

A marcha de 4 de outubro

Tinhamos destruido o poderio do Tchataquela, sôba do Cuamato Pequeno, o mais poderoso dos dois. Restava-nos o Cuamato Grande e o seu sôba Chaula.

As tropas começavam a estar cansadas da expectativa, o que tornava necessario partir-se quanto antes. O abatimento physico das praças produzia um certo abatimento moral, que fazia com que alguns já alvitrassem

que, attendendo ao mau tempo, se dêsse por finda a missão da columna, não levando mais além a conquista n'aquelle anno.

O nosso commandante, porém, não se deixava arrastar por estas razões e estava decidido a andar para a frente custasse o que custasse. Pensava como Cesar na passagem do Rubicon:

— Avante! Não é possivel retroceder!

E foi assim que pelas seis horas da manhã de 4 de outubro já a columna ia a camiuho.

O forte D. Luiz de Bragança e a guarda do *lager* ficou entregue ao capitão Mario de Sousa Dias, guarnecido pela 14.ª companhia indigena e uma peça B. E. M. 7^{cm}. Ficaram tambem as praças de todas as unidades cujo estado de saude lhes não permittia caminharem. A columna levava só os carros indispensaveis, deixando tudo o que não era necessario para a marcha.

A face da frente ia composta por dois pelotões de marinha e dois de infantaria n.º 12, com uma secção Ehrhardt ao centro e mais uma peça em cada flanco; a face direita eram a 1.ª europea e 10.ª de Moçambique, uma peça Canet a meio e outra na cauda; a esquerda era formada por um pelotão da marinha, outro do 12 1.ª companhia de guerra, com duas peças Canet na



Nalôque: Bivague na Embala; 2.ª companhia europea



mesma disposição que as da face direita; a rearguarda era formada pela 2.ª europeia, um pelotão do 12 e a 16.ª indígena com uma peça B. E. M. 7^{cm} a meio.

O *trem de combate* e o *comboio* iam no centro, bem como os auxiliares e o segundo esquadrão. D'esta unidade iam destacadas na vanguarda duas patrulhas de exploração que marchavam juntamente com alguns auxiliares a cavallo. Os sapadores, como de costume, abrindo caminho á frente.

O terreno, lgo á saída do cercado, era de

de vencer aquella ultima *étape*, que se calculava n'uns doze kilometros.

Não esperavamos ser atacados, pois corria o boato de que a gente do Cuamato Grande se queria apresentar e a cavallaria por vezes avistara negros, sem que estes a hostilisassem. Efectivamente assim succedeu até ás 7 horas e 30 minutos, hora a que chegámos a uma *chana* onde se divisava uma grande sebe de espinheiros, que o Calipallula disse indicar a fronteira dos dois Cuamatos. Como então na nossa frente se avistasse o gentio, o capitão Roçadas mandou fazer alto, a fim de concentrar mais a columna,



matto pouco denso, cortado de *arimos* onde parece haver bastante agua e onde se viam muitos *imbondeiros*. Encontrámos grande numero de *libatas* queimadas nas razias, que o 2.º esquadrão fazia diariamente, emquanto permanecemos no Cuamato Pequeno. Os morros de *salalé* tambem abundam n'esta região.

As praças estavam bastante enfraquecidas pelas doencas intestinaes e por isso a marcha, debaixo do sol quente da manhã, era-lhes bastante penosa. Apesar d'isso, caminhavam alegremente, na esperança

que ia muito alongada por o matto ser agora bastante espesso, dificultando assim a marcha das tropas.

Na orla da *chana* e especialmente debaixo d'uma enorme figueira via-se grande numero de cuamatos. Como havia esperança de que o gentio não atacasse, o governador mandou avançar cautelosamente, sem dar ordem para fazermos fogo.

Quando já estavam proximos da orla do matto, onde os tinhamos visto, o Calipallula ia mandar dizer que não nos fizessem fogo e



Marcha para Naloéque: Avanço do comboio—A columna em marcha para Naloéque—Um tiro da Canet, e a companhia de guerra na face esquerda. (PHOTOGRAPHIAS TIRADAS DEBAIXO DE FOGO)



Entrada na Embala do Nalóque

se apresentassem, que não lhes fariamos mal algum; n'este momento, porém, rompe de todos os lados, quasi á queima-roupa, um tiroto violentissimo.

Alguns tiros d'artilheria, juntos com as descargas de infantaria, fazem com que elles afrouxem um pouco, e a columna aproveita essa circumstancia para logo continuar a sua marcha.

A' nossa direita ficava uma libata d'onde tambem nos faziam muito fogo. Sobre ella enviou a Ehrhardt uma granada bem graduada, mas, apesar d'isso e das descargas d'infantaria, o gentio continua incommodando-nos com muitos tiros. Entre elles distingue-se constantemente o zunido das armas finas e umas ba-

las explosivas, que em geral reventavam no ar, por cima das nossas cabeças, com um som semelhante ao estalo d'um chicote.

A certa altura levanta-se uma lebre no interior do quadrado e atordoada corre direita á face da rectaguarda, conseguindo escapar-se por entre os soldados do pelotão do 12. Então uma praça esquecendo o nutrido fogo do inimigo, corre na sua perseguição pelo matto dentro, sendo preciso que o alferes o chamasse á ordem, para elle voltar para a fileira. Vê-se aqui bem o desprezo pela morte do nosso soldado, que, por uma lebre, arriscava a vida. A

galhardia d'este acto lembra-me a resposta d'um embaixador portuguez a Carlos V que lhe perguntava, gra-

cejo a respeito da pouca extensão do territorio do nosso reino:

— Quando se levanta uma lebre em Portugal, aonde a vão matar?

— Na India, senhor! — replicou com orgulho o ministro portuguez.

Este apparecimento foi tido pelos soldados como um bom agouro; diziam elles:

— A lebre assim a correr, representa o sóba fugindo acossado, diante das pontas das nossas bayonetas!

O matto, que era agora bastante cerrado, estava tornando a marcha difficil permitindo aos negros fuzilarem-nos de muito perto e fazendo com que a columna estendesse muito mais.

Já começavam a cair feridos alguns dos nos-



Os cavallos do esquadrão bebendo nas cacimbas do Cuamato Grande



Capitão de infantaria
Julio Alberto
Schiappa d'Azevedo



Capitão de cavallaria José Maria Chaves
Galvão de Magalhães



Capitão de infantaria
Lucinto Maria Ri-
beiro

...sos companheiros. Avançavamos sempre, passando uma outra *chana*, arborizada e depois uma matta muito densa, onde varias vezes os cuamatos nos fizeram fogo peritissimo. Na face da esquerda uma praça d'infanteria 12 tendo visto, a uns cincoenta metros, um negro apontando para o quadrado, meteu a arma á cara e, disparando-a, viu-o cahir; armando immediatamente a bayoneta, correu para o matto, que era cerradissimo, vendo ainda um rasto de sangue; mas já não encontrou o preto, achando apenas uma cartucheira que trouxe para o quadrado. Este facto succede sempre, pois que junto de cada atirador estão dois *dunos*, especie de serventes, um dos quaes leva as munições, estando o outro prompto para rapidamente recolher o corpo no caso de cahir ferido ou morto.

Tomada da Embala do Cuamato Grande

Passadas duas horas, o fogo abrandou muito e pelas dez da manhã cesou quasi por completo.

Chegavamos en-



Naloeque: Bivouac na embala, ambulancia e trem de combate



Marcha para Naloeque: Avanço do 2.º esquadrão apeado. (Photographia tirada debaixo de fogo)



Tenente Joaquim Eduardo
Martins da Costa Soares



Tenente Alberto José Caetano
Nunes Freire Quaresma

tão a uma extensa *chana*, ao fundo da qual, o nosso guia indicou umas palmeiras. Distinguiam-se já, perto d'ellas, a pallissada da Embala do sóba *Chaula*.¹ A artilharia Ehrhardt meteu em bateria, enviando algumas granadas para a pallissada; os cuamatos ainda responderam com algum fogo, mas depois tudo se calou.

A 600 metros da Embala a columna faz de novo alto. A artilharia de novo rompe o seu bombardeamento, mas agora já ninguem responde. As faces da direita e esquerda avançam e veem formar um colcheite envolvente; a retaguarda cerra sobre o comboio.

Soa o toque de carregar! E todos, á uma, avançam n'uma rapida carreira sobre a Embala—Não ha hesitações, não ha cansaço que os detenha — O entusiasmo toca as raias do delirio!

A cavallaria parte a todo o galope pela esquerda a con-

(1) — Sóba do Cuamato Grande (Naloeque) que foi recentemente morto em combate pela gente d'uma pequena columna commandada pelo alferes Durão, tendo como subalferne o alferes Quaresma.



aos que as febres já enfraqueceram.

Os que vão na vanguarda chegam á palissada; enquanto uns avançam para a entrada, outros arrancam já á mão os madeiros do cercado.

Os primeiros penetram na Embala: é o tenente Costa Rego e alguns dos seus ho-

tornar a Embala, e nos seus clarins ao signal do brioso 2.º esquadrão, seguem-se alegremente as notas do toque de carregar! A artilharia segue de perto a infantaria no seu avanço.

A distancia a percorrer é enorme, e embora todos desconheçam o desalento, os mais fortes conseguem adeantar-se



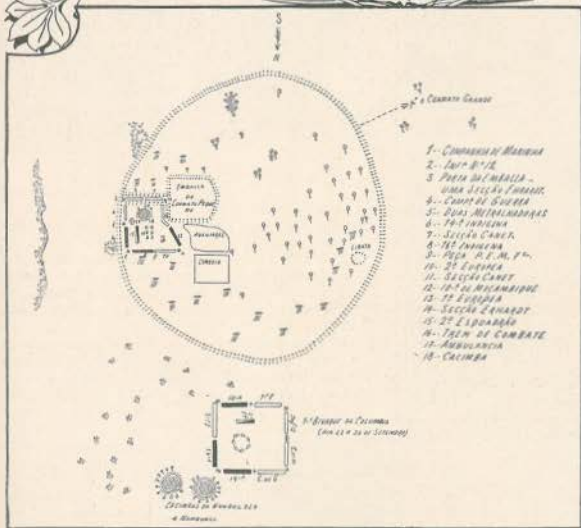
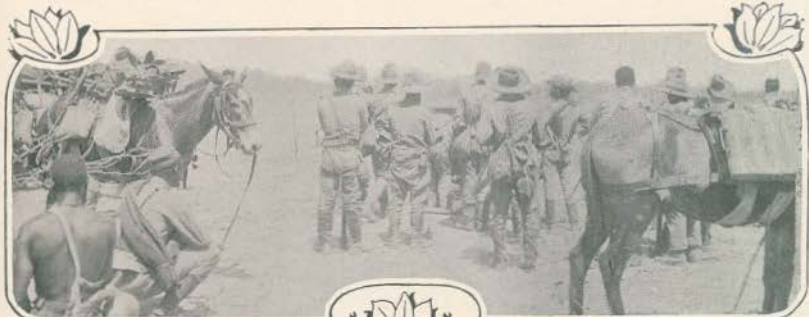
mens. Entra tambem um sargento dos sapadores e logo o alferes Durão com o seu pelotão.

A seguir o resto da marinha, a infantaria 72 e todas as outras unidades veem formar umas dentro, outras fóra do cercado.

Eram onze horas da manhã. Dentro da Embala, já ninguém se encontra. O lume ainda acceso e vestigios recentes da



Marcha para Naloéque: Avanço da jaca da frente—Avanço da 1.ª companhia européa — Avanço da companhia de marinha — (PHOTOGRAPHIAS TIRADAS DEBAIXO DE FOGO)
—Na chegada á Embala do Cuamato grande (Naloéque)



Em muitos compartimentos se encontram depósitos de guerra, armas, sellins, estribos, freios, balas, uma corneta, uma espada e até um bonet d'official alemão, provavelmente apanhado n'algum revez sofrido pelos nossos vizinhos na sua colonia do SW d'África. Muitos d'estes objectos militares devem ter pertencido aos nossos desditosos camaradas, que foram massacrados pelo gentio em 1904. Entre as espingardas achadas, algumas estavam rebenetadas, talvez por lhes metterem cartuchos carregados com dynamite, que proposadamente lhes são vendidos por alguns commerciantes.

A cavallaria tambem já não viu ninguem, mas encontrou na sebe de espinheiros uma brecha, por onde provavelmente se escaparam os fugitivos.

Bivacámos perto d'uma grande cacimba, cuja agua bastante abundante não era de todo má, e abrimos-se como de costume trincheiras.

(Continúa.)

ALVARO PENALVA.

estada de gado, indica que fôra abandonada momentos antes. Manchas de sangue derramado e uma brecha na palissada mostram bem os destroços feitos pela artilharia na fortaleza e nos seus habitantes.



Em Nalóque: Bombardeamento da Embala (secção Ehrhardt no centro da face da frente) — Palçada interior e embala do Coamato Pequeno com a disposição das forcas nos bivacões de 22 a 26 de setembro e de 26 a 14 de outubro (cerquis devido ao tenente de estado-maior Jorge de Mascarenhas) — Nalóque: O 2.º esquadro de dragões — (CLICHÉS DO SR. ALFERES VELLOSO DE CASTRO)

OS · NOVOS · MINISTROS ·
DO · BRASIL · EM · LISBOA



O sr. dr. Brazílio Itiberé da Cunha

EM um dos seus numeros anteriores, por ocasião da chegada a Lisboa do sr. dr. Itiberé da Cunha, a *Ilustração Portuguesa* teve já ocasião de apresentar os seus cumprimentos de boa vinda ao novo ministro do Brazil na nossa côrte, pondo então em relevo as suas brilhantes qualidades de diplomata, comprovadas em uma notavel carreira, e os seus raros meritos de litterato e de publicista economico, vantajosamente attestados em diversos livros do mais elevado valor artistico e scientifico.

Hoje é com prazer que reproduzimos n'esta pagina os retratos do illustre brazileiro e de sua gentilissima esposa, uma das mais formosas e amaveis senhoras do corpo diplomatico estrangeiro actualmente acreditado em Lisboa.



A sr.ª D. Leopoldina Itiberé da Cunha

(CLICHÉS ROBONE)



DUPLO RAID HIPPICO NACIONAL

DIPLOMA DE MEDALHA DE HONRA
 55 E ALTA MENCÃO HONROSA
 CONFERIDO PELA GRANDE COMISSÃO CENTRAL

AO EX. Sr. José Frade Simas Cardoso LAVRADOR
 E PROPRIETÁRIO EM ALTER DO CHÃO POR PERTENCER À
 SUA COUDELARIA O CAVALLO LEPIDO QUE FOI O PRIMEIRO
 DE ORIGEM PORTUGUEZA A CHEGAR AO TERMO DO
 DUPLO RAID HIPPICO ORGANIZADO PELA ILUSTRACÃO PORTUGUEZA
 REALIZADO EM SETEMBRO E OUTUBRO DO CORRENTE ANNO
 LISBOA 2 ABRIL 1908 PRESIDENTE 1907

THE SOUREIRO

PRESIDENTE

1907

VICE-PRESIDENTE

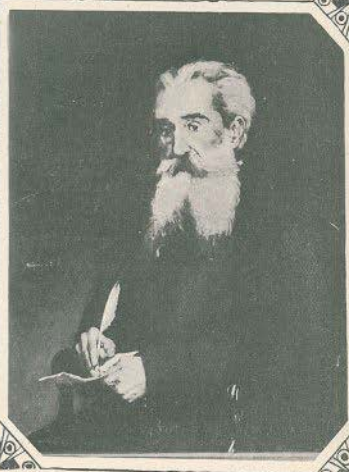
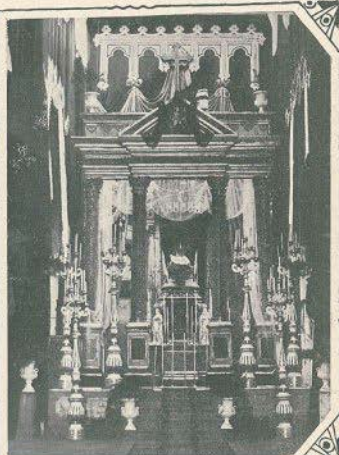
SECRETARIO

A REVISTA - A. B. C.



A revista «A. B. C.» de Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues no theatro Avenida: «Fado lido» no 1.º quadro do 2.º acto—«Lisboa na rua» no 2.º quadro do 2.º acto

FIGURAS E FACTOS



As exequias régias na cathedral do Pará (Brazil): O catafalco armado pelo sr. João Pinto Nunes

As exequias reais em Braga: Na igreja—A' saída da cerimonia

Mademoiselle Georges Mالدague: *Ha quem se tenha deixado illudir pelo pseudonymo masculino, e não saiba, por isso, que Georges Mالدague é uma senhora. Tão conhecida em França como em Portugal, Georges Mالدague é uma escriptora fecundissima, especialmente romancista de viva imaginação. Dentro de pouco vai representar-se em Paris, no theatro Ambigu, o drama «Le droit de la chair», extrahido de um romance seu que o «Seculo» publicou em folhetins*

Cruz procional desenhada e modelada pelo ourives portuense sr. Alves de Sousa Junior

O retrato de Bulhão Pato, pelo sr. José de Campos

Nestlé

Farinha lactea

PREÇO 400 REIS
36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

ENXAQUECAS

FALTA DE APPETITE

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris.

VAGO

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobretreirinho (Thomaz), Penedo e Casal d'Hormio (Louza), Valle Maior (Albar), e garia-a-Velha.

Escritorios e depositos

LISBOA — 270, Rua da Princeza. 276
PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto—Lisboa, N.° telephon. 508

VAGO

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes sem dor desde 500 rs.
Colocação de dentes desde 1500 reis.

Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42.1.
(Ao Calhariz)

TELEPHONE 1.882

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSICOES DE FURNecedores da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, RUE DES ITALIENS, PARIS

Parfumerie
AZUREA
L.T. PIVER - PARIS

François RICHARD
Cabelerista e fabricante de posturas
3, Rue Cambon, 3
(Angulo da Boulevard de Magdalen)

PARIS

Para bem se pensar a si mesmo, é preciso vir experimentar as posturas artisticas ou enviar uma amostra dos cabellos explicando o genero de penteado que se deseja, pois que obterá assim um bello penteado em frizado natural e indelivel.

Tintura inofensiva em todas as idades
Deposito da agua Heiss contra a queda dos cabellos

ESCRFULA :: CHLORO-ANEMIA
Authenticas (de Paris)

PILULAS DE BLANCARD
Exigir o verdadeiro Produto
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)

XAROPE DE BLANCARD
40, Rue Bonaparte, Paris (France).

LYMPHATISMO :: DEBILIDADE

L'Epil'vite

CREME EPILATORIA
prompta a ser empregada.
Resultado garantido

Persuadida, dissolve instantaneamente as penugenas desengracadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delgada.

M. A. GRAZIANI, 1^harr^e de 1^a classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.
Agencia exp. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco e Jesus, Lisboa.
Preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisiveis aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Aguas e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos:

Tintura vegetal garantida e inofensiva. Locção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

Locção, Crème e PÓ KLYTIA

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS



“AEROMOTOR”

(GARANTIDO)

Para tirar agua de poços a qualquer profundidade e construido de ferro e aço

PARA INSTRUÇÕES

Grandes armazens de candieiros

DE
JOSÉ D'OLIVEIRA & BARROS
Largo de S. Domingos, 21 a 24
LISBOA

VAGO

O progresso e o bem estar

Do artista

Do operario

Do commerciante

Do empregado

Do industrial

Do litterato

Do engenheiro

Do marinheiro

Do agricultor

Do medico

Do architecto

Do estadista

Do estudante

Do publicista

Do sportsman

Do machinista

Do militar

Do paisano

Do musico

Do chimico

Do photographo

Do advogado

Do viajante

De todos emfim

Póde começar pela obtenção de um dos magníficos premios do concurso de 1908

400 dos COUPONS que estão sendo publicados no «Seculo», na «Illustração Portuguesa» e no «Supplemento Humorístico» representam um premio garantido, talvez a felicidade, o bem estar e alegria, e até mesmo uma fortuna. Não deves pois perder esses pedacitos de papel.